

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *1089 — O livro perdido das origens de Portugal*

Autor: Emílio Miranda

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Capa: © Épica Prima

Ilustrações: © Alejandro Colucci

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-141-4

Depósito legal: 389 199/15

1.^a edição: março de 2015

Ao contrário do que se diz ou supõe, todos os caminhos começam algures num inferno, único e pessoal, e terminam no almejado Céu!

I

O ARCO E A FLECHA
INÍCIOS DE FEVEREIRO DE 1089

*Tão certo como uma flecha, mais mortífero do que o arco que a arremessa, o destino que a
cada homem calba...*

CAPÍTULO 1

O arqueiro estica a corda do arco, mantendo a baste da flecha presa entre os dedos indicador e médio, e o braço respetivo flete-se até que o punho se encosta ao rosto, ao mesmo tempo que o oposto se estende, levando a corda ao limite. Enquanto fita, compenetrado, o alvo, o coração pulsa-lhe de expectativa.

Adiante, entre a vegetação de tojos e carquejas, o cerdo alimenta-se, ignorante da sorte que o destino lhe reserva. Chafurda distraidamente o húmus que cobre o chão do bosque, à cata de bolbos ou minhocas suculentas, ao mesmo tempo que as possantes mandíbulas se entregam ao plácido prazer da refeição, triturando e deglutindo o que encontra entre folbas e ramos apodrecidos. Enquanto come, grunbe satisfeito, alheio aos perigos que o espreitam.

O céu cinza-esbranquiçado pressagia neve e em lugar algum o sol espreita ou dá um ar da sua graça. Ignorando o frio intenso, que lhe enregela as mãos apesar das luvas de pele, o caçador acaba de decidir o momento do tiro, quando uma súbita mudança de vento leva o seu cheiro até ao animal que, numa repentina inquietação, se move, grunbindo um alarme aflito e desviando-se da mirada. Incapaz de ser detida, a flecha deixa o arco e já o homem solta um suspiro de prostração, acompanhado de uma praga. A seta cega perde-se na floresta densa.

Assustado, o cerdo finca os cascos e salta, desaparecendo numa dobra do terreno. É surpreendente como um animal tão corpulento escapule como uma brisa, se bem que o escarcéu gerado seja mais o de um trovão eclodindo. Aves nervosas levantam voo e um coelbo assustado retorna à toca, ofegante.

— Diabos, diabos, diabos! — exclama repetidamente o arqueiro, ao mesmo tempo que pontapeia o ar, em fúria. O seu temperamento difícil é evidente e rasa quase o ridículo. Veste roupas de fidalgo, com colete de pano fino, verde-escuro, saiote do mais delicado velo, castanho-claro, e botas altas, de camurça, confeccionadas pelas mãos de um sapateiro experiente, mas a sua reação é a de um mercador rude e mal-humorado, que vocifera nas costas de um cliente depois de um negócio perdido. Com a graça de Deus, não há ninguém para o observar, pelo menos ninguém cuja importância possa condicionar-lhe o comportamento.

Saindo de uma moita, onde se escondera, o moço que lhe transporta a aljava avança ao seu encontro, o pesar solidário estampado no rosto de fuinha.

— Escapou, senhor? Deixai, na próxima não escapará.

O aspeto do rapaz, mais de indigente do que de escudeiro, descalço e mal vestido, apesar do frio, deixa antever a dúbia situação do seu senhor. Fidalgo que se preze não se faz acompanhar para a caçada de um mero elemento de comitiva, ainda mais esfarrapado e tiritante como este.

D. Eufrásio, o arqueiro, senhor de nobre estirpe, mesmo que não pareça, pela forma como se veste, é de facto de modesta berança; se dúvidas houvesse, esvaíram-se à aparição do pequeno.

Furioso, lança-lhe um olhar fuscante e nada diz.

O pajem remete-se ao silêncio, baixando à terra o olhar consternado.

Um sentimento condoído, recalcado pela servidão, pulsa-lhe no peito, como uma fera prestes a saltar, mas aquieta-se, acomoda-se e extingue-se. Como noutras vezes, anteriormente.

Brito — assim se chama o moço — dorme nas cavaleriças entre os cavalos e as mulas. Todas as noites revolve a palha, para que areje, puxa uma velha manta sobre o corpo e fita, cismador, as traves de carvalho alongando-se nas trevas raiadas pelo luar, como braços estendidos, enquanto o sono não vem.

Está farto deste senhor, o único que teve, é certo, na sua curta existência — tem apenas nove anos e desde que se lembra foi sempre menos do que gente; farto da sua quezilhenta disposição, do seu permanente descontentamento e dos seus caprichos senhoriais. Está farto de lhe carregar as armas, as vestes e as peças de caça, como um mísero animal de carga. Mas, sobretudo, da forma rude como o trata, mais rude do que aquela que dispensa aos seus cães ou ao seu cavalo. Neste mundo, onde os homens são tidos como criaturas de Deus, coisa diversa devia ser esperada. Seria uma afronta, se não fosse tão comum, que entre o que se apregoa e o que se pratica fosse tão grande diferença.

Não sabe há quanto tempo o desejo de abandonar o castelo o assalta repetidamente.

Um dia destes — acredita —, ainda acabará por sentir a coragem que lhe falta e, então, o nobre nunca mais lhe porá a vista em cima.

D. Eufrásio, já se percebeu, é um fidalgo, como outros, de maus modos e duvidosa riqueza. Herdou dos pais o castelo por aquelas terras à volta conhecido como dos Barrosões, uma robusta, se bem que semiarruinada, fortaleza de rocha granítica erguida no cimo de um cabeço, circundado por bosques e campos de cultivo, em plena serra de Barroso, entre Chaves e Boticas.

Neste fim de mundo tropeça um homem a cada passo em tantos calhaus e moles de granito que o natural seja precisamente usá-los em todo o tipo de estruturas, como muros e casebres, fortes e redutos.

Diz-se que o dos Barrosões seja ainda o que restou de um bastião Romano aproveitado por Visigodos e transformado em castelo roqueiro, quando, em 711, arribaram às praias a sul os povos de pele curtida oriundos do Norte de África, para fazer frente à sua fúria conquistadora.

Também se ouve dizer que, pela sua importância estratégica, foi sucessivamente perdido e reconquistado, destruído e reconstruído, acabando por vir parar às mãos dos Barrosões — outrora uma das famílias cristãs mais importantes destas cercanias — há tanto tempo que se perdeu a memória.

Nos seus anos de apogeu, deve ter sido imponente, feito de rocha bruta, indestrutível. As mazelas do tempo e o desleixo transformaram-no no que é: além, a muralha a esboroar-se e algumas ameias caídas deixam antever o destino triste das obras morredouras, caso não haja quem lhes acuda.

Mais a sul — pelo que se diz —, a herança de hábitos omíadas e abássidas, os antigos conquistadores da península e ainda senhores de parte dela, neste ano do Senhor de 1089, dita que a construção destas estruturas seja maioritariamente de barro, matéria aparentemente frágil e perecível, se bem que pareça ser possível transformá-la em substância tão rija quanto a verdadeira rocha.

São surpreendentes as coisas que se dizem...

Olhando o céu estrelado e a terra cintilante de geada, coberta de bosques e vinhedos sombrios, D. Eufrásio aguarda em vão o sono que tarda, divagando sobre esta e outras matérias, verdades misturadas com mitos. Sempre ouviu dizer que os Barrosões descendem das primeiras famílias que chegaram a estas paragens, após o Génesis, ou fundação do mundo, espécie de povoadores enviados por Deus, depois da extinção do Paraíso, ditada pelos pecados de Eva. E o que se ouve dizer é que por aqui se têm mantido, fazendo frente a todo o tipo de adversidades, desde muito antes de outros terem chegado. No entanto, parece que será ele o derradeiro.

Por momentos, cruza-lhe o espírito a questão que nos últimos tempos o tem atormentado: acaso terá que ver com a sua situação financeira a recusa, agora definitiva, de casar-se consigo aquela que é, há muito, a sua preferida?

Mas é apenas um devaneio passageiro, que de imediato afasta, contrafeito.

Não lhe sai do pensamento o javardo que a sua seta falhou naquela tarde. Não se furtará na próxima tão opulento porco, como nunca lhe foi dado ver. «Amanhã», pensa, «não me escapará!»

Mal dormiu, ansioso, e ainda a manhã não despontou, já a sua voz ecoa no interior das cavalariças, mais despidas do que nunca de montadas e bestas de carga. Ainda lhe amarga na boca o facto de ter perdido neste inverno o melhor cavalo. Chamava-se Nordeste e era um ágil e possante puro-sangue árabe, descendente de uma das últimas éguas que haviam sido do avô. Mas, agora, nem repara na sua coceira vazia, afogado pela ansiedade.

— Pirralho maldito, onde estás? Não me digas que ainda te encontras na palha, calaceiro...

A voz mal-humorada desperta-o e logo sente o sobressalto do castigo que se seguirá à injúria. É ainda noite e ele estranha a madrugadora presença do nobre no interior da estrebaria. Certamente que é a ânsia da caçada que o move. D. Eufrásio não esquece o cerdo felizardo.

Corre descalço pela cavalariça.

— Senhor, estou aqui. O que desejais? — diz, disfarçando a apreensão.

A bofetada apanha-o desprevenido, lançando-o por terra.

— Com que então, estavas ainda na malandrice, calão.

— Perdoai-me — balbucia, o gosto do sangue nauseando-o. Está tonto e tenta erguer-se, mas logo nova agressão o faz rolar pelo chão.

— Estou farto de perdoar as tuas faltas. Nada vales; és sempre o mesmo. Já te disse que não quero voltar a chamar-te.

— Mas...

— Como ousas questionar-me?

Noutra altura calar-se-ia. Mas não agora. Interroga, a humildade disfarçando a ira que o queima:

— Senhor, é ainda tão cedo... Como posso adivinhar que precisais de mim se não me chamardes?

— *Disseste bem. A partir de hoje, dormirás à porta do meu quarto, na companhia do Colosso — atira o fidalgo, em tom sarcástico e contundente.*

Colosso é o velho Serra da Estrela que se arrasta pelo solar, enchendo tudo com as suas pulgas e carraças. Brito por mais de uma vez lhe invejou a sorte. Na cadeia de importância, encontra-se abaixo dele, e a comparação é tudo menos abonatória.

Maldição! Era então isso o que ele era? Um cachorro sarrento?

— *E agora apressa-te, que quero voltar à floresta. É hoje que aquele porco não me escapa.*

A ideia surge-lhe de repente, enquanto sela a montada. Está sobre o escadote que lhe permite chegar tão alto quanto desejável em alguém da sua estatura, quando avista a podoa, pendurada juntamente com outras alfaias, num caibro por cima da sua cabeça. Lança a mão à ferramenta e com a lâmina afiada desgasta as presilhas da sela. Talvez uma queda imprevista acalme o ânimo do seu senhor... Quanto a ele, talvez seja finalmente este o dia em que sentirá coragem para fazer o que há muito anseia.

Fugir!

Mal teve tempo de comer uma malga de papas e de novo se encontra deslocando-se em passo acelerado, no encaço do senhor. Os pés despídos anseiam pelo chão fofo da floresta. O último par de sapatos desfez-se, mas há muito que perdeu a esperança de ganhar outro. Sabe que a situação de D. Eufrásio é difícil, não obstante não o demonstrar, em montarias e folguedos. Quem o vir julgará, por momentos, que vive desafogado, mas os sinais que o rodeiam logo darão conta do engano. É o castelo que aparenta ruína, a montada longe da sua glória e ele, descalço e roto, claudicando, como um cheira cus, na esteira do cavalo.

— *Mexe-te — ruge a voz do fidalgo, em tom ansioso.*

— *Cá vou, meu senhor; sigo-vos tão depressa quanto posso... — replica com humildade, apesar da careta de desdém, que felizmente o olho do cu do fidalgo não pode ver. — Cá vou, meu senhor...*

Leva os cães pela mão — que o fidalgo decidiu desta vez não dispensar —, ou levam-no eles, as línguas pendentes e os narizes no ar. Parece ter-lhe lido os pensamentos, o raio do fidalgo, com este contratempo de última hora. De que modo se livrará dos cães é o que tem ainda de decidir.

Transporta a aljava, carregada de flechas, atravessada no torso franzino. Nos alforques da montada, entre as pernas do nobre, vai o repasto e o vinho com que saciará a fome de todos. Trocaria de bom grado as flechas por aquela carga. Além de poder vir a revelar-se útil, quando se decidir a dar o passo há tanto planeado, é com certeza mais agradável do que aquela vintena de hastes farpadas que trespassam cruelmente as criaturas incautas. Quando, à falta de cautela delas, se junta a arte do atirador... o que, bendito seja Deus, nem sempre acontece. Além disso, é mais do que certo que, não podendo furtar um naco que seja do interior do alforge, a ele há de calbar um bocado menor do que aquele que estará reservado aos cães. Para estes senhores, os cavalos e os podengos vêm antes de tudo, sobretudo dos servos.

Brito sabe que não é assim em todos os feudos, mas os Barrosões são conhecidos pela sua dureza e desumanidade. Já o pai, D. Amândio, era igual, e do progenitor ganhou, este, o mesmo feitio e o mesmo carácter animoso.

D. Eufrásio é um demónio; é o que é, e para ele, um simples órfão de servos, o mais insensível dos senhores; demonstrando que muitas vezes o poder não é sinónimo de bem-fazer, se bem

que sem ele pouco se faça. Contradições da vida que a mente infantil de Brito consegue já, apesar da sua simplicidade, apreender.

O seu sonho foi sempre o de estudar: conhecer as letras e os números... Mas nunca revelou a ninguém esse devaneio que em noites de solidão acalenta. Talvez pelo receio do ridículo, talvez porque nem ele próprio creia que no mundo possam realizar-se tais utopias...

Não sabe de onde lhe vem esta aspiração: porventura do convívio próximo com o padre Osório, o frade da casa, homem de muito saber que lhe conta, nos momentos de ócio, as míticas histórias da religião, desde Adão e Eva, Abraão e Isaac, David e Golias e o sábio Salomão, passando inevitavelmente por Jesus, Herodes e tantas outras personagens que lhe encham o imaginário. É neles que pensa muitas vezes, quando fita as sombras do teto, em noites frias. É neles que pensa e são as suas vidas que lhe dão alento. Vidas cheias de agruras, obstáculos e espinhos, mas, acima de tudo, de esperança; quanto mais não seja, pela imortalidade, já que desta vida pouco tem a esperar.

São estas histórias que o prendem, mas também que o instigam a seguir outro rumo. A fuga está muitas vezes presente na sua mente, apesar de saber que o insucesso poderá ditar a sua morte. Uma morte horrenda, que outra não sabe infligir tão cruel senhor como o seu.

— Apressa-te, molengão. Apressa-te, que já sinto o cheiro da caça, e os cães também... — torna D. Eufrásio, a voz vibrante de ansiedade.

— Sigo-vos, senhor, tão depressa quanto posso — replica, agora em tom menos dócil, logo arrependido pela sua incapacidade de ficar calado. Valha-lhe, contudo, ter-se detido, antes de proferir: — Descalço e a pé, o que quereis mais? Muito faço eu...

— Não repliques... — diz, porém, D. Eufrásio, como se lhe lesse os pensamentos.

Porquê tanto mau génio? Tão impante, tão senhor da sua importância e apenas tendo um escudeiro para o seguir, o que mais poderia esperar? Ainda mais, descalço, mal vestido e tão franzino que não andarão longe da verdade quem supuser que a sua figura é esculpida pela fome. Tanta vaidade e tanto desleixo, duas particularidades que apenas coexistem na personalidade humana... Se o vestisse e calçasse com um pouco mais de esmero, talvez conseguisse revelar aos seus pares um pouco mais de importância, mesmo que seja coisa que não tem. Mas é o que faz a maioria, neste fingir a vida que é lei e princípio da gente grande. Brito repara que, além da fé, também tão falha de certezas, mas tão convicta em afirmá-las, há um outro acreditar, que é este que não interessa ser mas parecer, mesmo que todos saibam que entre o ser e o parecer vai quase sempre o tamanho do mundo.

A verdade é que D. Eufrásio é um senhor menor e essa é, talvez, uma das razões do seu mau génio. Há anos que busca mulher e apenas senhoras pelintras e feias se dispõem a casar com ele. Brito sabe, contudo, que o seu senhor, apesar da feia carantonha, tem elevados propósitos: quer mulher bela e rica. Como D. Teresa, que o despreza e que já prometeu o seu coração a outro.

Bem-feita; cada um tem o que merece!

Os cães cheiraram algo, pois quase lhe arrancam o braço. A guinada é tão forte que por instantes julga estar prestes a separar-se do ombro. O senhor, esse, partiu já à desfilada, em perseguição da presa: veado ou porco selvagem, não o sabe ainda. Sente os pés a doerem, descalços, sobre o chão pedregoso daquela parte do bosque. Hesita entre largar os cães ou seguir, com

eles pela trela, no encaço do nobre. Um puxão mais forte leva-o a decidir-se e larga então os dois podengos que partem à desfilada.

Adiante gera-se o tumulto, entre os tojais. Acorre e depara com a visão dos mastins cercando uma pequena vara de porcos: trata-se de uma porca com as suas crias, pois os restantes já se fundiram na vegetação, como num passe de magia. Estes bichos sabem bem quando têm de dar à perna. Ficou para trás a mãe, certamente pela preocupação com a sua prole.

Suspira, descansado: sabe que o senhor não disparará sobre a marrã. Mandam as regras da caça que não se mate mãe que amamenta, para uma preservação das espécies.

Mas, de súbito, percebe que não parece ser essa a intenção do caçador. Talvez movido pela frustração, ergue já o arco, pronto a efetuar o disparo.

O rapaz só tem tempo para correr em direção aos cães, colocando-se em frente ao seu senhor, ao mesmo tempo que grita:

— Não façais isso.

Este grito parece fazer hesitar a parelha de podengos e, sobre o cavalo, o caçador. O momento de hesitação é suficiente para que a porca encontre um buraco entre os espinhos e se suma, como por magia, seguida das crias assustadas.

— Maldito, que me fizeste perder a caça! — exclama, furioso, D. Eufrásio.

— Mas, senhor, sabeis que não se matam fêmeas que amamentem e criem a sua prole... — articula.

— Quem disse tal coisa? Nos meus domínios, faço o que quero e estou farto das tuas impertinências.

Brito percebeu demasiado tarde o arco a ser apontado na sua direção. Teve apenas um vislumbre do reflexo assassino nos olhos do seu senhor e, depois, da dor excruciante da flecha a trespassá-lo.

II

ANTEMANHÃ
DEZEMBRO DE 1080
(NOVE ANOS ANTES)

Tudo começa numa enganadora alvorada: a vida e os dias...

CAPÍTULO 2

A mulher estava de cócoras, à cabeceira do leito, segurando com tenacidade o lençol que havia sido atado aos dois postes da cama. Tratava-se de uma enxerga simples, pouco mais do que um estrado, cuja única vantagem residia precisamente na cabeceira encimada pelos dois grossos pilares, aos quais estavam atadas as extremidades do pano. Este amparo tinha duas funções: ajudá-la a segurar-se e a fazer força.

Por baixo de si, havia um ninho de lençóis, preparados para acolherem sem dano a pequena cabecinha do recém-nascido quando este irrompesse no mundo, depois de transpor a barreira dolorosamente dilatada da vulva da progenitora.

A auxiliar a jovem parturiente encontrava-se Cesaltina, a parteira. Tinha pelo menos o dobro da idade da mulher mais jovem e já tinha assistido a metade dos nascimentos ocorridos por toda aquela região nos últimos 20 anos.

Atenta às contrações, ia instruindo a jovem, dizendo-lhe quando devia fazer força e quando devia poupar as energias. O parto estava iminente.

— Vá, filha, em breve poderás descansar.

A mulher anuiu. O seu rosto estava rubro, as suas veias, tão dilatadas que pareciam prestes a explodir. Cesaltina limpou o suor que lhe cobria as faces, descendo pelo peito desnudo, com um pano húmido, esboçando um sorriso de encorajamento. O casebre escuro cheirava a fumo e a mofo e era um lugar triste, desprovido de qualquer beleza ou encanto. Apesar de não divergir da maioria, não deixava de acentuar o desânimo e a tensão. Por isso a parteira insistiu, desta feita num tom, tanto quanto possível, mais meigo:

— Agora, filha, é até a criança nascer... Toda a força.

À sua frente, a visada correspondeu, esboçando um sorriso de alento, por entre o esgar condoído.

Em poucos minutos, o nascimento consumou-se. A parteira, segurando delicada mas firmemente a criança, cortou por fim o cordão umbilical e, assentando-lhe de seguida a palmada que o marcaria para vida, proferiu:

— Deus te abençoe e proteja. Que a vida que agora começa te seja branda, como um caminho plano e desprovido de escolhos... um longo caminho que te conduza ao Céu...

O pequeno desatou num berreiro. Era um rapaz e parecia saudável, pelo menos tendo em conta a força com que berrava. Cesaltina não evitou o comentário:

— Ah, és um palmo de carne valente. Vens ao mundo determinado a vencer! A mãe, momentaneamente alquebrada, abriu os olhos e sorriu.

— Tens um homem, e é perfeito — ouviu a parteira, dirigindo-se-lhe.

A mulher sorriu uma vez mais, pensando para consigo.

É pena que não lhe possa dizer quem é o pai.

Foi quando o limpava a uma toalha lavada que a parteira vislumbrou o sinal, em forma de borboleta, que lhe marcava a nádega esquerda.

Onde é que ela já vira um sinal semelhante? — questionou-se, disfarçando a inesperada pontada que a assaltou.

Depois de a parteira ter saído, com a promessa de regressar mais tarde, Ermelinda pôde enfim chorar. Chorava de alegria, mágoa e apreensão, tudo junto. Alegria pelo filho escorreito que acabara de ter, mágoa e receio pelas circunstâncias em que havia sido concebido.

A violação tinha ocorrido nove meses antes, e o mais certo era o seu autor nem suspeitar das consequências do seu ato. Não fazia parte do pensamento de muitos homens preocuparem-se com o resultado das suas ações, e muito menos um fidalgo que praticamente não tinha contas a prestar a ninguém, senão ao seu rei. E o rei estava demasiado longe para ouvir os lamentos dos seus mais pequenos súbditos.

Na verdade, imaginar o rei era quase o mesmo que imaginar a Deus, sentado no seu trono, no alto dos céus. Claro que Deus ainda era conhecido pelo seu poder de tudo ver e a tudo acudir, se bem que, tal como a maioria, também a ela fosse difícil perceber como uma única entidade conseguia acudir a tanta gente ao mesmo tempo.

Talvez por isso houvesse tantos pedidos à espera de resposta.

Também ela pedira para que aquela criança não viesse a ser gerada, mas logo que começou a senti-la, apaixonou-se por ela e, então, temerosa que Deus tivesse escutado o seu pedido anterior, recebeu pela sua vida. Neste caso, Deus parecia tê-la ouvido, ou então talvez o seu pedido inicial continuasse à espera. O seu bebé era perfeito e apresentava um ar sadio que a emocionou.

Não fosse aquele misterioso sinal, implantado na nádega, e talvez fosse capaz de superar todas as demais amarguras.

Ela sabia como sinais daqueles eram às vezes interpretados como marcas do Demo e, em locais onde a superstição estava mais enraizada, não era raro que o povo atemorizado, movido por um qualquer capricho, resolvesse atentar contra a integridade dos infelizes nascidos com eles.

Enquanto amamentava, não conseguiu deixar de lembrar-se das circunstâncias em que o pequeno rebento havia sido concebido.

O fidalgo regressava de uma festa com os amigos, ao cair da noite, quando a avistou no pátio do castelo. Tinha vindo despejar os restos da refeição da noite nas escudelas do cão e aprestava-se a entrar. Um instante mais e teria passado despercebida — pensou com mágoa —, mas não valia a pena entregar-se agora a lamentações. Uma mulher é a criatura mais desamparada que há sobre a Terra, e ela ainda mais, por não ter ninguém que a proteja do assalto de mal-intencionados, ainda mais seu senhor sendo.

Mas talvez fosse melhor assim, pois o nobre era capaz de o matar, fosse pai, irmão ou noivo.

Ela não passava de uma criada de baixa condição, por quem ele não teria qualquer clemência. Além disso, tinha-se por feia, razão por que nenhum homem havia ainda atentado nela, e o nobre com certeza que também não, até àquela ocasião.

— Rapariga! — ecoara a sua voz, e ela retesara-se, assustada. Os seus acessos de mau humor eram sobejamente conhecidos para que os ignorasse.

— Meu senhor?

— Anda cá. O que fazes aqui fora, a estas horas?

— Fui deitar os restos aos cães, meu senhor, e regressava para dormir...

— Dormir, hem?

Ela bem percebera, no seu olhar aceso, a luxúria e o desejo, pobre cego cuja visão o vinho toldara... Não fosse estar ébrio e jamais atentaria nela!

— Por favor, meu senhor, deixai-me regressar, pois estou muito cansada e devo levantar-me antes da alvorada...

— Dormirás apenas quando eu disser. Antes disso, aliviarás o desejo do teu senhor...

— Por Deus, deixai-me ir.

Fora então que a sua violência explodira.

— Ousas questionar-me?

— Não, meu senhor, mas...

A agressão foi tão inesperada que ela não teve como se furtar a ela. Sentiu o rosto a arder e o gosto a sangue na boca.

Furioso, o fidalgo sibilou:

— Não me respondas.

Sentia-se zozna e agoniada, incapaz de qualquer reação.

O jovem fidalgo arrastou-a então até às cavalariças. A embriaguez acentuara a sua irascibilidade e ela temeu pela própria vida. *Senhor, protege-me da sua ira*, suplicou, aturdida e assustada. Os cavalos estranharam aquela intromissão tardia, mas aquietaram-se quando o dono os acalmou:

— Chiu, quietos, meus lindos...

Ermelinda ainda pensou gritar, mas desistiu. Sobrava-lhe a vida, pois era grande o terror de a perder, caso gritasse.

Sentiu não apenas o corpo devassado, mas para sempre a alma e o amor-próprio, dois nomes da mesma coisa que se chama identidade. A palha cheirava

a urina e excrementos e foi com esse cheiro que ela ficou para sempre, por mais que se lavasse. Até nos sonhos e pesadelos tinha o mesmo cheiro; a tanto chega a repulsa por um ato de tal modo vil e ignóbil.

Tudo se resumira a uma única vez, mas tal tinha bastado para mudar a forma como via o mundo em que vivia e para mudar o seu definitivamente.

Agora, enquanto chegava a si o corpinho morno do pequeno, fruto apenas do seu amor, sentiu por momentos que apenas o cheiro cálido que dele emanava era capaz de afastar aquele outro, pútrido e asqueroso, que lhe ficara entranhado na alma.

Silenciosamente se entregou ao pranto, desejando que Deus não permitisse jamais que outra mulher pudesse sentir o mesmo: sentimentos que se têm em momentos de desespero, pois, a manifestar-se, o poder divino devia ter em conta todas as vergonhas acontecidas no mundo, e não apenas aquelas. A todas as que resultavam da prepotência e do abuso podia ser dado o nome de violação.

Deus — suplicou —, protege-me e protege o meu filho, por tudo quanto tens como mais sagrado! Ajuda-me a criá-lo; a ser o seu amparo e proteção...

Talvez Deus não a tivesse escutado, pois a mulher morreria antes de o filho perfazer seis anos.

III

RESSURREIÇÃO FEVEREIRO/MARÇO DE 1089

Se Jesus, filho de Deus, morreu e ressuscitou ao terceiro dia, então talvez tu, que também és Seu filho, possas aspirar ao mesmo milagre, agora e sempre, amém!

CAPÍTULO 3

Diz-se que enquanto um homem anda sobre a Terra, tem de estar em algum lugar. Esta parece ser uma verdade nua e crua, para a qual não haverá contestação. Até porque, em última instância, espera a todos o lugar definitivo, onde finalmente repousam todos quantos alguma vez viveram.

Mas os lugares são como os dias: nem sempre agradam de igual modo, e se há aqueles que poderiam ser comparáveis no grau de preferência, aos de sol, límpidos e serenos, a estes contrapõem-se, invariavelmente, os de borrasca ou tempestade, se outros, piores, não houver a que se possam chamar Inferno. Pois também estes, aziagos e de má memória, se repetem, em toda a existência, mais do que o desejado.

Talvez por isso — supõe-se —, Deus tenha conferido à Humanidade a capacidade de sonhar. Se é certo que não existe consenso quando se trata de apurar se esta capacidade é verdadeiramente uma benesse, ou se tem sido ela a responsável pela perdição de tantos, a verdade é que é o sonho a única forma de o homem se furtar às agruras da vida. A mente, o mais veloz alazão que sobre a Terra pode ser achado, mesmo não sendo provido de cascos e de crinas, nem de asas, como já se viu representado, está sempre disposto a partir à desfilada, levando consigo o corpo que cada um transporta, através de lugares que podem ser reconhecidos deste mundo ou de outros, além de todos os que possam ser imaginados...

Aquele era mágico!

Tratava-se de uma cidade fantástica, de altas muralhas e grandiosos palácios, que se estendia a perder de vista. Em torno havia pomares, olivais, hortas e searas, ondulando à brisa cálida da tarde. Ou talvez não fosse da tarde, mas a verdade é que tinha essa ideia. Talvez porque o Sol aparentava ter passado o pico mais alto do firmamento, e descia agora em direção à longínqua linha do horizonte. Essa linha, tão distante que se confundia com o céu, era também ela um local de múltiplos mistérios. Chegaria algum dia a desvendá-los? E àqueles que a cidade encerrava em si?

Dividido entre a incerteza e o fascínio, sentiu-se de repente assaltado por um súbito temor. Porquê aquela impressão de que algo não estaria bem? Andava às voltas com esta nova dúvida quando viu o vulto surgir das sombras e caminhar na sua direção.

Alguns passos andados, tomou a forma de um ser etéreo, com feições de mulher, de cujas costas irrompiam asas.

Maravilhado, duvidou!

Um mosteiro é, na sua essência, uma igreja onde os monges se entregam à oração enquanto laboram. Um local que permite a um homem afastar-se do mundo mundano, numa busca ansiosa pelo afago de Deus. Isto, quando não acontece que a tentação ande à solta, na figura de um anjo em forma de mulher.

Há dias que a rapariga o aliciava, mas ele conseguira até então furtar-se aos seus avanços. Até quando? Não podia negar o efeito que ela exercia sobre si. O seu sorriso era insinuante e o ondular do seu corpo hipnotizava-o. Ainda há pouco se cruzara com ela lá fora e não fora capaz de mais do que fugir para o interior do templo onde se mantinha ajoelhado.

A noção de pecado estava tão enraizada na sua alma que o sentimento de agonia era quase físico.

Mas a carne era fraca, e um corpo feminino, uma tentação demasiado forte para que um homem se lhe conseguisse furtar.

Ainda mais quando o corpo era jovem e palpitava de energia, calor e ânsia por se perder.

De que modo conseguiria resistir-lhe?

A mulher assemelhava-se a um anjo e sorria-lhe!

Na sua dor reconheceu as feições daquela que o trouxera ao mundo e que Deus lhe levava ia para três anos. E apesar de a ter ouvido muitas vezes dizer de si que era uma mulher desengraçada, sempre a tivera por bela, talvez porque é assim que normalmente um filho feliz vê a própria mãe; mas agora, mais do que nunca, as suas feições resplandeciam, irradiando sobre ele uma cálida luz que o deixou perplexo. Incapaz de dominar as emoções que o assaltavam, imaginou-se a recordar os anos passados na sua companhia.

Enquanto fora viva, aquela que o gerara dedicara-lhe uma atenção permanente, e a sua existência, apesar de simples e desprovida de luxos, havia sido, tanto quanto possível, apazível. Não obstante as dificuldades, naturais na sua condição de mulher só e entregue a si própria, nunca lhe faltara com alimento ou carinho, nem alguma vez deixara transparecer qualquer réstia de amargura ou desgosto pela vida que os Céus lhe haviam reservado. Não se lembrava de a ter visto desdenhar da sorte que lhe calhara. A mãe, a quem os pais haviam dado o nome de Ermelinda, era uma mulher calada, triste tanto quanto é comum ser uma mulher cuja existência foi desde sempre a de dedicar-se ao trabalho e à labuta, desde a alva até à noite. Era criada de servir no solar dos Barrosões, onde ele próprio tinha nascido num dia não muito longínquo.

Do seu nascimento nada sabia, visto que a progenitora nunca lho referira, ou ele nunca sentira qualquer curiosidade por saber algo. Pois o que interessam as minudências da natividade, se todos, de uma ou outra forma, acabam por ser semelhantes? Uma criança anseia apenas pela liberdade e pelos longos dias, até perceber que existem alguns que acabam por ser extensos de mais. Isso conseguiu ele perceber, apesar da sua pouca idade, não por si — pois tinha-os sempre como curtos e velozes —, mas pela mãe, precisamente, que tantas vezes via com ar cansado, mesmo que não se queixasse ou lamuriasse, como outras a quem a sorte bafejara e nunca cessavam com as queixas e lamentos.

Protegera-o sempre de todas as vicissitudes, como uma galinha protege o seu pinto. Apenas quando se referia ao senhorio pressentia no seu olhar uma espécie de inquietação e, de uma forma que nunca compreendera, mantivera-o sempre afastado dos poderosos que habitavam o castelo, principalmente dos olhares e das influências do fidalgo, referindo-lhe insistentemente que devia manter-se longe da sua mão. Porque seria, não o suspeitava. Era verdade que o jovem fidalgo não granjeava as simpatias, principalmente da gente pequena, a quem tratava com modos rudes e até, a mor das vezes, de forma desumana. Mas, talvez porque o esforço maternal tenha sido coroado de êxito, nunca pudera sentir na pele os efeitos dos seus abusos.

Isso acontecera apenas após a sua morte.

Sentindo-se abraçado pela frescura daquele lugar sagrado, o jovem monge orava. Estava ajoelhado aos pés do altar de Santo Ildefonso, para onde fugia agora a cada passo. No entanto, nem ali parecia encontrar sossego. Bastava fechar os olhos para que o rosto tomasse forma na sua mente.

Poderia passar por angélico, não fosse a forma tentadora como lhe sorria...

Mas ver um anjo com feições femininas era algo que estava para além da sua imaginação. Tanto quanto sabia, os anjos eram seres, se não masculinos, como alguns pintores tinham por hábito representar, pelo menos andróginos; desprovidos de sexo, e de feições anónimas, se bem que perfeitas, como criaturas divinas que eram.

Por isso, ver *aquele* de formas tão vincadamente feminis, de seios fartos oscilando tentadoramente, só podia ser interpretado como uma manifestação diabólica, uma insidiosa tentativa de corrupção da sua alma.

Havia uma parte de si que lhe doía e ele não conseguia perceber qual. Tinha a sensação de que era o peito, mas tocou-se e verificou que estava incólume.

A mãe sorria-lhe no sonho — tinha a certeza de se tratar de um sonho —, pois não havia lembrança mais vincadamente marcada na sua memória do que a do dia da sua morte. Tinha sido uma morte serena, mas no derradeiro momento pôde vislumbrar nos seus olhos parados as lágrimas de dor por o deixar. E depois, como se não fossem suficientes, ouviu-a proferir, num sussurro:

— Meu filho, pedirei por ti a Deus!

Tinha a certeza de que o pedido fora feito.

Mas onde estava Deus?

Um ruído arrastado fê-lo ficar alerta. Havia alguém na penumbra, além dele. Alguém que se deslocava como se não quisesse ser ouvido.

Acaso tratar-se-ia daquela que o tentava à perdição? Porque não lhe saía do pensamento? Porque teimava em povoar-lhe os sonhos? Ou seriam antes pesadelos? Havia alturas em que àquele, maravilhoso, se contrapunha um outro lugar: de chamas e tormento que o lançavam num frenesim de pavor. E, por mais que gritasse, acabava sempre por ser levado por criaturas de asas negras, que o alçavam no ar para o lançarem, momentos volvidos, no interior de um enorme caldeirão, no qual ferviam todas as criaturas miseráveis.

Como ele!

O pânico assaltou-o. O vulto avançava pela nave deserta e ele desejou que se tratasse de um irmão em busca de recolhimento para orar. Um olhar mais atento fê-lo duvidar. O movimento era fluido e ondulante e pela primeira vez teve um vislumbre que ia ao encontro dos seus maiores receios.

O Demónio parecia ter conseguido insinuar-se no interior do Paraíso.
E ele temeu!

Uma vez mais, sentiu-se acometido pela dor da perda que se confundia com aquela outra, física mas impalpável, e, incapaz de exercer sobre ela o seu domínio, a sua mente viajou de novo até àquele fatídico dia em que a viu cair de cama, para não mais se erguer, aquela que tanto lhe queria. Fora o dia mais triste da sua vida, e revisitá-lo era sempre um calvário angustiante. Era como se parte de si morresse com ela!

Por isso, avistá-la agora ali a sorrir-lhe, como se tudo o resto não tivesse passado de um pesadelo, encheu-lhe o coração de júbilo e ele desejou abraçá-la, poder explicar-lhe que se em pouco tempo se tornara o pajem do seu senhor, não fora por desobediência mas pela necessidade de sobreviver, já que não lhe restara outra opção, após a sua morte.

Depois da sua partida, passara a contar apenas consigo próprio. E o mundo tornara-se, de repente, um lugar inesperado e perigoso.

Todavia, quando se aprestava a explicar-lhe tudo isso, aquele anjo em que reconhecia as feições da mãe ergueu-se na bruma da tarde e, depois de lhe acenar uma última vez, começou a afastar-se, lenta mas inexoravelmente, até desaparecer por fim num ponto de luz, numa espécie de estrela que ficou a brilhar no firmamento. Ainda gritou, esbracejando, mas depois, incapaz de conter as emoções, sentiu as lágrimas a descenderem-lhe pelo rosto, as forças a faltarem-lhe nas pernas, e caiu por terra, sem ânimo nem vontade para viver.

Sentiu primeiro a dor, depois, a mão que o abanava acompanhada pela voz distante que tentava arrancá-lo à inconsciência. Mas o mundo dos mortos era estranho, escuro e irreal e aquela voz era decerto a do guardião dos portões do Céu. Ou seria do Inferno? Manteve-se estoicamente afundado no limbo de irrealidade em que se encontrava, temendo confrontar-se com a verdade.

— Rapaz... Quem te fez isto? — insistiu a voz. Era quente e profunda.

Abriu os olhos e uma luz intensa perfurou-lhos, como um ferro em brasa. Estava às portas do Inferno! *Deus, porque me haveis recusado?*, não se absteve de pensar.

— Quem... quem sois? — balbuciou. A dor era enorme, excruciante.

— Quem te fez isto? — insistiu a mesma voz, sem lhe responder.

— O meu senhor... furioso comigo... — respondeu, necessitado de piedade.

— Malditos. — O comentário genérico denotava a opinião de alguém que não temia a regra de um senhor, talvez por não se submeter a nenhum ou, então, por lhe ser esquivo. — Anda, que vou levar-te até um local seguro...

Sentiu então que era pegado ao colo e acreditou que estava a ser carregado não por um demónio, mas por um anjo... pois os demónios não eram providos de tanta compaixão.

Pendente da cintura, algo oscilava ao ritmo das passadas. Podia ouvir o som abafado de uma qualquer ferramenta, batendo cavamente contra a perna do seu salvador. Torcendo ligeiramente o pescoço, constatou que se tratava de um machado, cujo cabo comprido deixava adivinhar a profissão de lenhador. Além disso, tanto quanto lhe era possível verificar, não havia asas irrompendo dos ombros, como seria suposto num anjo.

Por último, o cheiro forte a suor, prova de alguém que trabalhava arduamente, afastou qualquer dúvida que pudesse subsistir.

Suspirou, fechando os olhos, deixando-se levar sem protesto.

Não era um anjo, nem era a mãe, com quem julgara ter sonhado, mas um homem, e carregava-o tão carinhosamente ao colo que o pequeno não pôde deixar de sentir que havia muito tempo não era tratado com tanta piedade. Sentiu simultaneamente alívio e decepção. Se, por um lado, verificava que estava vivo, por outro, via desfeita toda a expectativa de se encontrar de novo em presença da mãe.

Os perfumes da floresta envolviam-no, misturando-se estranhamente com a dor pulsante no peito. Havia um aroma a rosmaninho e alecrim, que era estonteante e simultaneamente perturbador. Como se, de algum modo, houvesse na sua memória uma lembrança que o associasse à ideia da morte.

Fechou os olhos. Sentia a haste da flecha cravada no peito. Balançava ao sabor dos solavancos, como se de um junco se tratasse. Era áspera e fria, e a consciência de que podia causar-lhe a morte era tão intensa que se sobrepunha à dor física.

Pela primeira vez, deu-se conta de como era pungente a sua vontade de viver, apesar das contrariedades da vida! Mas o desejo esvaiu-se-lhe quando voltou a perder os sentidos.

Na verdade, como pudera ser ingénuo ao acreditar que havia anjos com rosto de mulher ou com corpos ostensivamente femininos.

Era ela e estava ali! Tinha-o seguido no interior da igreja. Uma estranha luminosidade parecia irradiar da sua presença. Talvez fosse o seu sorriso tão insinuante, quente e possessivo que não conseguia ignorá-lo. Sentiu o calor subir-lhe pelos artelhos até se cravar na zona genital. Um nó de desejo formou-se-lhe na boca do estômago, subindo depois até à garganta.

— O que... quereis? — balbuciou, temeroso de que a voz não lhe obedecesse. Mesmo depois de se ter ouvido, ainda duvidou que fosse a sua: parecia-lhe estranha e alheia, como provinda de um outro que não ele. As palavras pareceram soar como pequenos guizos pela nave da igreja. Subitamente sentia-se acometido por um estranho frio, feito de receio e inquietação.

— Nada de mais, irmão. Posso ajoelhar-me ao vosso lado e rezar convosco?

A voz era suave como algodão, mas nem por isso o sossegou. Pelo contrário, intensificou o arrepio que se lhe cravara na nuca.

— N... S... Sim — foi apenas capaz de dizer. Sentia-se tão atrapalhado que era incapaz de elaborar um raciocínio coerente. *Meu Deus*, pediu. *Dai-me o dom da palavra, para que repudie esta rapariga e resista à tentação*. Deus pareceu não o escutar, ou então escarnecia da sua fraqueza, através dela.

— Não ou sim? Decidi-vos. — Ouviu-a desafiá-lo e pôde perceber, apesar da penumbra reinante, que sorria provocadoramente.

— Sim.

A rapariga ajoelhou-se então e por momentos pareceu rezar. Ele, por mais que o desejasse, não conseguia abstrair-se da sua presença. Do seu cheiro selvagem. Fechou os olhos com força, desejoso de ser capaz de viajar de novo pelo mesmo cenário maravilhoso de há pouco.

Mas então, eis que a mão da mulher procurou a sua. Sentiu-a quente e ansiosa e, apesar de se lhe querer opor, não foi capaz. A mulher segurou-lhe na mão e conduziu-o, primeiro ao seio, cheio e morno, depois pela pele da barriga até ao ventre, e mais abaixo.

A mulher soltou um suspiro. (Ou teria sido ele?) Sentiu-a tão húmida que não conseguiu conter-se. O seu sexo estava tão duro que lhe doía e parecia saltar sob o manto, como um estranho animal selvagem, desejoso de se libertar.

Deu graças pela escuridão que os envolvia.

Viu-se de novo no mesmo lugar maravilhoso e, aflito, olhou em volta procurando uma vez mais a mãe.

Desta feita, encontrava-se no meio de uma praça repleta de gente, mas não conseguia divisar entre tantos desconhecidos o rosto por que ansiava.

Indiferentes à sua ansiedade, todos pareciam entretidos com as suas preocupações quotidianas, graves ou comezinhas, mas que lhe eram estranhas e alheias. Sentiu-se acometido de grande desânimo.

Foi então que, surgindo do meio da multidão, viu avançar aquela que era o anjo dos seus sonhos e que, sorrindo, lhe disse:

— Estou aqui, meu filho.

A paz entrou no seu coração.

Mas eis que de repente o rosto conhecido se transformou noutro, também belo, mas estranho. Uns lábios rubros entreabriram-se para proferir:

— Um dia, também tu estarás aqui!

Que significado teriam aquelas palavras?

E que sítio era aquele? Seria o Paraíso? Ou apenas um lugar terreno, semelhante a tantos que desde a mais tenra meninice ouvia serem evocados pela voz de trovadores, bufarinheiros, peregrinos e viajantes?

Era simultaneamente maravilhoso e caótico, repleto de aromas desconhecidos e de cores tão vivas que refulgia sobre elas o brilho intenso do Sol. Havia vermelhos tão rubros que julgava impossível recriá-los fora da natureza, laranjas e amarelos tão vivos que quase cegavam e, contudo, enchiam a alma de um êxtase desconhecido e mágico.

A rapariga fazia maravilhas. Era tão maleável como um junco e contorcia-se, usando as mãos, oh, Céus, a boca!, e as aduelas das pernas que o subjugavam, conduzindo-o ao profundo e quente vale onde arremetia e arremetia e arremetia...

O remorso confundiu-se com o prazer.

O prazer confundiu-se com a dor!

— Irmão Júlio. Irmão Júlio, onde estais?

A voz arrancou-o à perdição e ele explodiu de pânico. Tinha cedido aos avanços da rapariga e agora via-se estendido a seu lado, no interior da igreja. Essa constatação arrancou-lhe um dolorido sentimento de remorso e culpa.

— Tendes de vos esconder. Depressa! — sussurrou, enquanto compunha o hábito à pressa.

Onde estava, o melhor era deitar-se com o rosto encostado ao pavimento frio, como se estivesse em penitência.

Quanto à mulher, viu-a escorregar pelas sombras, desaparecendo atrás do altar.

— Ah, estais aqui! Já corri tudo à vossa procura.

Tratava-se do irmão Daniel. Ajudava o irmão Germano nas cozinhas, onde ele era às vezes chamado a realizar tarefas. Provavelmente o irmão cozinheiro mandara-o à sua procura, pensou contrafeito, desejando que a penumbra ajudasse a disfarçar a sua turbação.

— Perdoai-me — disse. — Entrei para rezar e esqueci-me das horas.

— Vinde ajudar-me.

— Sim, sim.

— Estais bem? Não sabia que vos entregáveis às mesmas práticas que o irmão Inocêncio.

Inocêncio era o monge mais velho e não era raro ser encontrado estendido no chão da sua cela. Muitos questionavam-se se não era ali que dormia muitas noites.

— Sim, estou bem. Temo ter perdido a noção do tempo. Perdoai-me. Sigovos de imediato — balbuciou, evasivo, erguendo-se. Por momentos, lutou contra a perturbação, alisando o hábito com as mãos trementes, após o que seguiu o companheiro, cambaleante.

A rapariga esperou um pouco mais, até perceber que o silêncio tinha retornado ao interior da igreja. Só então abandonou o seu esconderijo, atravessou a nave apressadamente e saiu para a rua. Chamava-se Marta e não tinha ainda 20 anos. Vivia ali bem perto com a irmã, o cunhado e a sobrinha, arrendatários do mosteiro.

— O que trazes aí? — perguntou a mulher, ao ver o seu homem aproximar-se da cabana em pleno bosque.

— Um pobre diabo atingido pelo seu senhor e deixado para morrer na floresta — respondeu ele, carrancudo.

A mulher correu, exclamando:

— Ai, meu Deus... Mas é apenas um pequeno!

— É verdade. Custa-me a crer que alguém tivesse sido capaz de fazer isto a uma criança.

— Como sabes o que aconteceu?

— Não sei os pormenores. Mas apenas que foi atingido pelo seu senhor. Foi ele quem mo contou, quando, por momentos, veio a si. Mas logo depois voltou a desmaiar.

— Sabes de quem se trata? Quem seja o seu senhor, ou os seus pais?

O homem respondeu que não fazia ideia, mas, no momento, essas eram informações que não interessavam muito. Mais tarde haveria tempo para esclarecer as muitas dúvidas que os assaltavam.

A mulher concordou, ocupada com aquela que era agora a sua principal preocupação: cuidar daquela criança, a quem a morte parecia querer mais do que a vida.

Algures, sabia-o, haveria certamente uma mãe aflita, aguardando a chegada daquele filho. Esperava que não fosse em vão. *Permiti, Senhor, que o salve!*

Aquele anseio era ainda mais intenso, pelo facto de não lhe ter dado Deus um filho.

O que significava que, para si, era tarde!

— Achas que viverá? — perguntou mais tarde o homem, retirada a flecha e limpo e tratado o ferimento. O pequeno tinha perdido os sentidos e ainda não os recuperara. Temia pela sua sorte.

— Não sei. Apenas a Deus cabe o desenlace deste aziago acontecimento... — replicou a mulher, incapaz de lhe dissipar o receio e calando os seus próprios.

A Deus pertence o destino deste infeliz, limitou-se a pensar, ocultando o que lhe ia na alma.

Estava certamente morto, ou então algo de muito estranho acontecera, pois já não era a criança de que me lembrava, mas um homem feito que transpunha agora um grande rio. A seu lado caminhava silenciosamente uma bela rapariga, quase uma mulher, que o fitava a cada passo com um olhar entre assustado e decidido. Não se lembrava de onde ou como surgira; tinha apenas a vaga consciência de que fazia parte da sua vida e algo, que não sabia o quê, os transformara em dois fugitivos. Por mais que se esforçasse, não conseguia lembrar-se da razão que os levava a tal.

A água gelada fazia-lhe arrepiar os cabelos da nuca, mas, apesar disso, avançavam corajosamente, determinados a chegar à outra margem antes de anoitecer.

Porque, inesperadamente, o dia antes luminoso começara a escurecer e a noite descia rapidamente, como uma manta atirada sobre os montes e as planícies desertas.

O rio deu lugar a um imenso campo desprovido de árvores, ao fundo do qual divisou as formas de uma enorme cidade. Tratava-se com certeza daquela que tantas vezes lhe aparecia nos sonhos, e ele sorriu de si para consigo, grato por um lugar onde pernoitar, longe da solidão e da vastidão da terra que se estendia à sua frente.

Alargaram o passo, mas, apesar de terem caminhado toda a noite, não conseguiram alcançar a cidade que se avistava ao longe. Parecia inesperadamente determinada em a escapar-lhes, por muito que caminhassem.

Rodolfo, o marido, tinha-lhe revelado em que trágicas circunstâncias havia encontrado o rapaz, e ela não se escusara a proferir:

— Malditos senhores... — Porque também ela em tempos sofrera os efeitos da sua prepotência. Em pequena, tinha sido escoiceada propositadamente pela montada de um nobre e durante dias os pais tinham temido pela sua vida. A cicatriz podia ainda ser percebida sob a raiz do cabelo que lhe cobria a fronte. Excetuando esse pormenor que não a desfeara, tinha um rosto que podia ser considerado belo, mesmo que fosse um pouco mais largo do que seria desejável numa mulher. Naquele momento, estava rubro de fúria, o que lhe iluminava os olhos negros e profundos.

— Nem todos são assim — replicou ele... E ela concordou. Ainda havia no mundo muita caridade e nem todos os senhores eram igualmente cruéis.

Chamava-se Liberta, e há vinte anos que estava casada com o homem que tinha.

Conheceu-o num distante dia de que guardava a memória, pelo significado do que a partir de então passou a sentir e pela força com que algumas recordações tendem a ficar gravadas na mente de uma mulher.

Era dezembro e estava um frio de rachar.

Chegara na companhia dos pais, que se tinham mudado, havia pouco, para o casebre deixado ao abandono por uma família que morrera de febres, semanas

antes, e cujas terras, pertença do mosteiro, tinham ficado por cultivar. Os pais tinham acabado de tomar posse delas, tornando-se daquele modo seus arrendatários. Vinha envolta no xaile de lã de ovelha que nem assim a fazia sentir-se suficientemente quente, tão encolhida e mal-humorada que quem a visse suporia que vinha arrastada e contra a sua vontade. O que, de certo modo, correspondia à verdade. Acordara tão maldisposta que tinha pedido à mãe que a deixasse ficar na cama, mas esta insistira argumentando que era pecado grave faltar à missa de domingo.

Atravessavam o terreiro fronteiro à catedral, a arrastar as socas, quando o avistou, encostado à sebe, como quem aguarda a chegada de alguém. Surpreendeu-se com o seu olhar penetrante e simultaneamente calmo e com o que aquele olhar a fez sentir. Surpreendeu-a sobretudo o facto de, apesar do frio intenso, ter sentido calor.

Um calor que lhe subiu da barriga e lhe fez arder a cara, num misto de desejo e vergonha.

Mais tarde, veio a saber que era filho do lenhador do mosteiro e que gostava mais de escutar o silêncio das árvores do que as palavras dos homens.

Quanto a Rodolfo, lembrava-se do seu ar austero e triste e da forma como se sentira afetado por ela. É que, apesar do seu ar frágil, percebera nela uma força interior que reconhecia de mulheres como a mãe e a falecida avó. Apesar de ter naquela altura quase dezoito anos, conhecia pouco do mundo que existia além dos limites da floresta, pois lembrava-se de sempre ter vivido no seu interior, longe do tumulto das cidades e das grandes aglomerações de gente. Por si, preferia aquele, tido por muitos como sombrio e assustador, pela paz e pelas riquezas que proporcionava a quem lhe conhecia os segredos.

Poucos meses bastaram para que se vissem casados e desde então viviam naquela casa humilde mas acolhedora que tinha sido também a dos seus pais. Quanto à floresta, era pertença do mosteiro, para quem trabalhava, tal como o seu pai enquanto fora vivo.

À sua maneira, os monges também eram senhores, mas Rodolfo nunca lhes conhecera senão a caridade. Por isso, costumava dizer muitas vezes à mulher, quando à noite se deixavam ficar ao lume ou, acordados sobre o leito, aguardavam que o sono viesse, conversando sobre os acontecimentos do dia e as notícias que calhava colher no mercado ou na igreja, e que davam conta de abusos perpetrados por fidalgos da região, que sorte tinham eles, por terem por senhores *apenas* os frades de Santo Ildefonso. Era para eles que laboravam, colhendo lenha e serrando árvores. A esse trabalho de lenhador, juntava Liberta o seu, de colher bagas e frutos silvestres e ainda folhas, caules e raízes para a farmácia de frei Honório, o ervanário.

No primeiro momento, ainda lhes ocorreu a hipótese de recorrerem aos seus préstimos para acudir ao rapaz, mas razões de precaução ditaram que não o fariam. Desconheciam os motivos que tinham levado o senhor daquele pequeno a feri-lo de morte e por isso recearam...